

Narrativas poéticas autobiográficas:
(auto)investigação na formação do educador e do
pesquisador¹

*Simone Cristiane Silveira Cintra*²

RESUMO

Narro e discuto neste relato de experiência aspectos dos muitos caminhos que integraram minha pesquisa de doutorado. Dentre esses aspectos, destaco as aprendizagens e reorganizações conceituais e propositivas geradas pela vivência e reflexão acerca de dois exercícios memorialísticos que realizei como aluna de disciplinas do programa de pós-graduação, assim como, as implicações desse movimento narrativo/reflexivo junto ao percurso metodológico construído e consolidado. Minha pesquisa configurou-se como uma investigação-formação, englobando a realização de ações formativas e a investigação dessas ações. O trabalho de formação foi realizado com três grupos distintos, formados por licenciandos da Unicamp - Universidade Estadual de Campinas. Em nossos encontros os participantes elaboraram narrativas poéticas autobiográficas, assim denominadas por terem sido criadas a partir de elementos das linguagens artísticas. Junto à reflexão e ressignificação dos meus exercícios memorialísticos identifiquei as narrativas poéticas autobiográficas como práticas favorecedoras do processo de produção e convivência com símbolos, passando a buscar por indícios da atuação desse processo no trabalho de formação desenvolvido com o grupo formado por dezenove licenciandas em Pedagogia. Baseando-me em aportes da Psicologia Analítica de Carl G. Jung identifiquei indícios de processos simbólicos em duas narrativas criadas por alunas desse grupo. E, a partir desses indícios, procurei refletir sobre possíveis implicações desses processos em práticas autobiográficas no âmbito da formação docente.

PALAVRAS-CHAVE

Formação de professores; Autobiografia; (Auto)investigação; Símbolo

¹Este texto foi baseado na minha tese de doutorado: CINTRA SILVA, Simone C. S. **Narrativas Poéticas Autobiográficas**: (auto)conhecimento na formação de educadores. Campinas, SP, 2010. 194f. Tese (Doutorado em Educação) Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas. Parte do conteúdo aqui tratado encontra-se também in: CINTRA, Simone C. S. (no prelo). *Metáforas e Símbolos Compartilhados*. Enviado para publicação das Comunicações Coordenadas do Simpósio Memória, (Auto)Biografia e Ruralidades da UNEB – Universidade do Estado da Bahia, realizado em agosto de 2010.

²Doutorado (2010) e Mestrado (2002) em Educação pela UNICAMP. Duas especializações na área de Arte e Educação (ECA-USP, 1994; FE-Unicamp, 1998). Graduada em Pedagogia – Habilitação em Educação Infantil, pela UNIMEP (1993). Pesquisadora do Laborarte – Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. simonescintra@gmail.com – Brasil.

Poetic autobiographical narratives:
(self) investigation in the educator's and researcher's
training

ABSTRACT

In this experience report, I narrate and discuss aspects of the multiple ways which integrated my doctoral research. Among those aspects, I point out the apprenticeships and conceptual reorganizations and propositions created by living and reflections about two memorial exercises that I did as graduate student. I point out also the implications of that narrative/reflexive movement within the methodological way built and consolidated through the different steps of the research. My research was configured as investigation-formation one; it enclosed the work of formative actions and their investigation. The work of formation was made with three different groups of undergraduate students of Unicamp (State University of Campinas) . During our meetings, the participants prepared poetic autobiographical narratives, so named because they were created from elements of artistic languages. I identified those poetic autobiographical narratives as practices that facilitate processes of productions with symbols, as well as dealing with it. I looked for those formation work process evidences made with a group of nineteen undergraduate students in Pedagogy. I identified evidences of symbolic processes present on two of the students' narratives, based on C. G. Jung's Analytical Psychology. And, from those evidences, I reflected about possible implications of those processes in autobiographical practices in the teacher initial training.

KEYWORDS

Teacher education; Autobiography; Self-research; Symbol

Perder-se também é caminho.
(Clarice Lispector)

Como se faz uma pesquisa de doutorado? Quais recursos, teorias, veredas somos capazes de desvelar para depois acolher, perseguir e trilhar?

Senti-me diante da pesquisa acadêmica, no início sem traço e sem forma, como diante de um texto dramático ou de uma ideia cênica sem voz e sem corpo: o mesmo deslumbramento, a mesma felicidade. Mas também a mesma dor, o mesmo medo do ainda não conhecido... enfim, o mesmo enfrentamento diante da criação. Tudo concentrado, aguardando os deslocamentos, aprendizagens e fissuras que não tardaram a aparecer.

Nas conversas com os amigos e familiares ou durante as disciplinas da pós-graduação a recorrente pergunta “sobre o que é a sua pesquisa?”, trazia incômodo. Mas, ao mesmo tempo, movia a reflexão, auxiliando a depuração desse **o que**. Essas conversas configuraram-se como os primeiros ensaios e aproximações com o material da pesquisa, com a criação a ser enfrentada. Por meio delas o misto de sentimentos foi se transformando em possibilidades, a partir das quais pude ampliar minha compreensão sobre o que iria pesquisar. Porém, **o como** a pesquisa iria acontecer precisou de muito mais tempo e dedicação.

Neste texto, busco contar e refletir sobre esse como – esse fazer metodológico que fui perseguindo, experimentando, (des)construindo. Em minha exposição, na mesa-redonda *Visualidades do Seminário Internacional Brasil-Alemanha de Pesquisa Qualitativa*³, procurei explicitar o caminho que vinha trilhando com e pela pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas. Agora, terminado o caminho, detenho-me em toda a caminhada e passo a recontá-la, ciente e desejosa das implicações desse recontar que é também reconstruir, ampliar e criar significações.

VEREDAS DA PESQUISA

Anteriormente ao doutorado havia vivenciado, como atriz e diretora, experiências teatrais em parceria com processos de reconstrução de memórias, recolhendo relatos (auto)biográficos e tomando-os como matéria de criação cênica. Havia também atuado na formação de atores e de professores, uma vez que sou pedagoga e tenho desenvolvido minha

³Seminário Internacional Brasil Alemanha de Pesquisa Qualitativa: interpretação documentária e triangulação metodológica. Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP, 25 e 26 de março de 2010.

prática docente buscando por integrar a arte e a educação. Essas experiências suscitaram o desejo de refletir sobre possíveis relações entre criação teatral, formação docente e processos de reconstrução de memórias.

Levada por esse desejo (re)encontrei-me com teorias e experiências formativas no âmbito da Educação Estética e da Pesquisa (Auto)Biográfica, na intenção de organizar as ações da pesquisa. Uma possibilidade apontada por Ostetto (2006), em sua tese *Educadores na roda da dança: formação – transformação*, foi de grande inspiração e ajuda nesta organização. Diz a autora:

A necessidade de considerar, nos processos de formação, a história dos professores e a idéia de que a formação é “autoformação”, pressupondo “autoconhecimento”, vem sendo apontada por diversos campos de conhecimento. Identifico, pois, caminhos próximos entre o que estou chamando de “encontro com a criança interior” e as “histórias de vida – autobiografia”. O diferencial do que desenvolvi na pesquisa foi o fato de privilegiar outra linguagem que não a memória verbal. A partir do contato com as imagens que surgiam através das danças, poderia ser uma perspectiva fecunda aprofundar o processo lançando mão da “autobiografia”, proposta discutida por diferentes autores (p. 196).

Acolhi esta perspectiva e passei a organizar as ações da pesquisa buscando propor e investigar justamente o que a autora vislumbra e traz como possibilidade fecunda: a realização de práticas de formação docente pautadas na criação de narrativas autobiográficas criadas a partir de elementos de linguagens artísticas. E, também, a investigação das potencialidades formativas dessas narrativas junto a processos de formação de educadores.

Minha pesquisa configurou-se, portanto, como uma investigação-formação, englobando a realização concomitante de práticas de formação docente e a investigação dos processos formativos desenvolvidos (BUENO, 2002, p. 24). Como explicita Souza (2006a), a

perspectiva de trabalho, centrada na abordagem biográfica, configura-se como investigação porque se vincula à produção de conhecimentos experienciais dos sujeitos adultos em formação. Por outro lado, é formação porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história (p.26).

Procurando estar atenta à possibilidade da pesquisa constituir-se também como um trabalho de formação desenvolvi, com três grupos distintos, práticas formativas vinculadas a disciplinas curriculares de cursos de licenciatura da Unicamp.

O primeiro grupo foi composto por licenciandos em Artes Visuais que cursavam as disciplinas “Prática de Ensino de Educação Artística e Estágio Supervisionado I e II”, durante o ano letivo de 2007. Essas disciplinas foram ministradas por minha orientadora, a professora Ana Angélica Albano. A participação dos alunos nas atividades da prática de

formação foi optativa e nossos encontros semanais ocorreram após o término das aulas das disciplinas, com uma hora e trinta minutos de duração.

A prática de formação com o segundo grupo foi realizada nas aulas da disciplina “Educação Estética, Cultural e Política”, com dezenove licenciandas em Pedagogia. Essa disciplina, pela qual fiquei responsável ministrando todas as aulas, integrava um “Núcleo Temático” que compunha a grade curricular do curso de Pedagogia. Os encontros foram semanais, com duas horas e trinta minutos de duração e ocorreram durante o segundo semestre letivo de 2007.

Do terceiro grupo participaram os alunos matriculados nas disciplinas “Estágio Supervisionado I” (vinte e dois licenciandos em Artes Visuais, oito em Música, três em Dança e uma licencianda em Educação Física) e “Estágio Supervisionado II” (vinte e um licenciandos em Artes Visuais, nove em Música, três em Dança e um licenciando em Química). Também participaram desse grupo duas alunas do curso de Pedagogia matriculadas em caráter especial (disciplina eletiva), pois realizavam o trabalho de conclusão de curso buscando discutir relações entre arte e educação.

Essas disciplinas foram ministradas por minha orientadora e ocorreram durante o ano letivo de 2008 em encontros semanais com duas horas de duração. Com esse grupo as atividades da prática de formação, por mim coordenadas, foram incorporadas aos demais procedimentos teórico-metodológicos das disciplinas de estágio, acontecendo portanto durante as aulas.

Os diferentes contextos em que as práticas de formação se deram imprimiram aos grupos particularidades que muito influenciaram na realização das atividades e também na forma como essas foram organizadas. Mas, apesar das adaptações necessárias, busquei desenvolver minha ação docente, com os três grupos, seguindo uma mesma orientação e que esteve pautada em dois grandes eixos. O primeiro consistiu na realização de jogos teatrais, brincadeiras tradicionais, produções plásticas, leitura de poemas e processos de reconstrução de memórias. E o segundo, na criação de narrativas poéticas autobiográficas, baseadas em histórias de vida e formação dos licenciandos e por eles elaboradas a partir de elementos do teatro, da música, da dança e das artes visuais.

Inicialmente propus, como objetivos da investigação, identificar e refletir sobre como os elementos das linguagens artísticas podem vir a imprimir singularidades ao ato autobiográfico e sobre possíveis relações entre esse modo específico de narrar-se e a formação de educadores. Entretanto, uma vivência de autobiográfica – desencadeada por dois exercícios

memorialísticos que realizei em disciplinas do programa de pós-graduação ministradas por minha orientadora – conduziu-me à reorganizações conceituais e propositivas, redefinindo o objetivo inicial da pesquisa.

Essas reorganizações foram suscitadas pela conscientização das (des)construções que o próprio fazer da pesquisa me impunha: vivia um processo de criação, impossível seria se me mantivesse incólume! Porém, o vivido necessita da reflexão para ser melhor percebido e, em alguma medida, conscientizado. Estava imersa em uma profusão de sensações, pensamentos e sentimentos que puderam ser então elaborados pelo exercício autoinvestigativo e autorreflexivo do ato autobiográfico. Esse exercício possibilitou-me, ainda, perceber-me também em processo de formação e a vivenciar experiências autoinvestigativas semelhantes as que propunha aos participantes das práticas de formação da pesquisa.

Iniciei minha vivência de autoinvestigação quando realizava as duas primeiras práticas de formação, cursava as disciplinas da pós-graduação e seguia buscando por ampliar os referenciais teóricos da pesquisa. Nessa mesma época, começava a tarefa da escrita de análises e reflexões preliminares, solicitada como requisito de avaliação das disciplinas cursadas e como condição para a participação em congressos e seminários. Foi com essa escrita que comecei a tomar consciência dos efeitos do processo de autoinvestigação vivido, passando a perceber o quanto de (des)construção e de (auto)conhecimento havia me possibilitado.

Essa consciência, por sua vez, foi se ampliando à medida em que imprimi uma forma narrativa e autobiográfica, tanto ao projeto de qualificação, quanto ao texto da tese. Com e pela escrita autobiográfica refleti sobre os caminhos que me levaram à pesquisa e sobre as implicações que as minhas vivências autoinvestigativas trouxeram ao próprio caminhar da pesquisa. Busquei, com essa escrita, acolher e deixar transparecer aspectos da minha pesquisa que a constituíram como uma “via de mão dupla”, refletindo sobre como o que foi construído e desconstruído na pessoa da pesquisadora relacionou-se, inspirou e determinou – junto a outros procedimentos – as ações da pesquisa. E, refletindo, também, sobre como as ações da pesquisa relacionaram-se, inspiraram e determinaram (des)construções na pessoa da pesquisadora.

Ao escrever e refletir sobre essa “via de mão dupla” compreendi que ela estava diretamente implicada no **como** a pesquisa se realizava, configurando-se como um procedimento metodológico a conduzir minhas escolhas e formas de análise. A partir dessa compreensão a pesquisa adquiriu forma e traço. Deixei meu processo de autoinvestigação

desvelar-se, depois o acolhi, o persegui e o trilhei para com ele concluir a investigação acerca das narrativas poéticas autobiográficas.

AUTOINVESTIGAÇÃO DA INVESTIGADORA

Memorial Pedra Bruta

Após um semestre do ingresso no doutorado cursei a disciplina *Arte, Psicologia e Educação*⁴. Nesta disciplina vivenciei a elaboração e a socialização de um exercício memorialístico, um memorial. Mais do que escrever sobre nossas memórias, a professora solicitou que relacionássemos o rememorado à pesquisa em andamento e aos estudos realizados durante as aulas.

Perguntei-me como poderia escrever sobre o que para mim – àquela altura – era somente dúvida, tateio, experimento. Fui então socorrida pela metáfora da pedra bruta, o que permitiu-me escrever “sem censura, sem limpar demais, sem o clivo da relevância”⁵, assumindo a pesquisa como uma *pedra bruta* a ser por mim lapidada.

Com a escrita do memorial me vi remexida, pois lapidar significa mexer na forma, buscar por outras formas, tirar os excessos, descobrir o que está encoberto, protegido, talvez adormecido. Movimento que pode levar ao núcleo da pedra ao mesmo tempo em que pode revelar fragmentos do núcleo de quem está a lapidá-la – como o movimento do artesão que, “ao transformar a matéria (...) também se transformava. Crescia de algum modo e esclarecia algo dentro de si, ainda que talvez nem usasse palavras ou pensamentos” (OSTROWER, 1980, p. 36).

Escrever o memorial possibilitou-me vasculhar e reconstruir o passado, uma vez que “a memória aparece como tessitura, a representar não a vida como ela foi, mas como se apresenta na lembrança” (PESAVENTO, 2002, p. 27)⁶. Nessa reconstrução dialoguei com minhas lembranças, atribuí sentidos a elas e delas construí e reconstruí sentidos. Entretanto, isso não se deu apenas pela escrita do memorial, ocorrendo também junto à socialização das produções memorialísticas de todos os alunos e junto à elaboração de outros textos sobre a pesquisa.

⁴Disciplina do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. Ministrada pela Profa. Dra. Ana Angélica Albano, no primeiro semestre letivo de 2007.

⁵Trecho do memorial produzido para a disciplina *Arte, Psicologia e Educação* do Programa de Pós-graduação da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, ministrada pela professora Ana Angélica Albano, durante o primeiro semestre de 2007.

⁶A autora, neste trecho do seu texto, faz uma citação indireta à: BENJAMIN, Walter. *A imagem de Proust*. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**, São Paulo, Brasiliense, 1986, v.1.

Na última aula da disciplina *Arte, Psicologia e Educação*, por meio do processo de ouvir-me e ouvir o outro; de falar da minha vida e perceber como minha fala reverberava em outras vidas, as possibilidades (auto)reflexivas contidas em meu memorial ampliaram-se, pois

o ato de escrever, mesmo que quase mecanicamente, implica geralmente em pensar sobre o que se escreve. Mas é a reflexão mais detida que imprime à autobiografia (...) (diários, correspondências etc.), assim como a outras formas de registros, a possibilidade de transformar o sujeito que escreve (DEMARTINI, 2008, p. 46).

E quando, meses depois, passei a escrever sobre a elaboração e a socialização do memorial, reencontrando-me e reconstruindo a experiência vivida, a “reflexão mais detida” (*idem*) atingiu um maior grau de desenvolvimento. Por meio dos textos produzidos, fui compreendendo que ao rememorar-me e tecer relações entre minhas histórias de vida com as experiências e os estudos demandados por minha condição de doutoranda – lapidando-me junto ao trabalho de lapidar a pedra – ampliei minha aprendizagem acerca do ato autobiográfico pela própria vivência e reflexão desse ato.

Ressalto, no entanto, que essa aprendizagem foi também mediada pela simbologia da pedra bruta e não só pelos processos da escrita e da reflexão. Essa mediação foi por mim percebida e melhor compreendida a partir da vivência e das reflexões sobre a segunda experiência autobiográfica que vivi como aluna da pós-graduação. Apresento, a seguir, parte dessas reflexões, a partir das quais estabeleci relações entre símbolo e processos autobiográficos passando, assim, a acolhê-las junto à minha ação como pesquisadora.

Encontro com as Imagens

Na primeira aula da disciplina *Arte, Psicologia e Conhecimento*⁷, fomos instigados a buscar por uma imagem que simbolizasse como estávamos nos sentindo naquele momento – em relação às nossas pesquisas, a uma nova disciplina, ao nosso processo de formação como pesquisadores. A imagem poderia ser mental ou observada em nosso trajeto pelo *campus*.

Na volta do intervalo da aula, trouxe para socializar com a turma a imagem de uma formiga. Havia visto uma trilha de formigas, sempre rápidas e “trabalhadeiras” e associei-as à minha pesquisa, mais especificamente, à necessidade de trabalhar duro, como uma formiga, naquele momento em que passaria a olhar para a grande quantidade de dados

⁷ Disciplina do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp. Ministrada pela Profa. Dra. Ana Angélica Albano, no primeiro semestre letivo de 2008.

construídos durante o ano anterior. Momento em que também continuaria a desenvolver o trabalho de campo por meio de mais uma prática de formação, o que desencadearia a construção de mais dados, sobre os quais teria de me debruçar.

Naquele dia a imagem me bastou, mas com o passar dos meses ver-me como formiga deflagrou a ausência da cigarra, aquela que me habitava ao brincar, encenar e ensinar: como poderia realizar uma pesquisa pautada na criação e na investigação de narrativas poéticas, desprovida da ludicidade, do desprendimento lógico-racional, da dimensão estética que a imagem da cigarra simboliza?

Na busca por respostas para esta pergunta, considerei que decididamente a cigarra necessitava de espaço para existir na lida da pesquisa – não daria para ser só formiga, tinha de ser uma formiga-cigarra. Então, guiada por essa necessidade, passei a procurar por imagens de cigarras e de formigas, identificando-me com duas⁸ em especial:



FIGURA 1 – Cigarra



FIGURA 2 – Formiga

Vi beleza na cigarra azul, reafirmando a impossibilidade de pensar e realizar a pesquisa sem essa dimensão da vida e, pela imagem da formiga que caminha por um corda bamba sem rede de proteção, aproximei-me da ideia de que realizar a pesquisa demandaria mais do que trabalho e disciplina, demandaria desprendimento, travessias, transformações.

⁸A imagem da cigarra (FIGURA 1) está disponível em <<http://www.google.com/images?hl=pt-BR&source=hp&biw=1229&bih=518&q=cigarra+azul&gbv=2&aq=f&aqi=&aql=&oq=>>. E a imagem da formiga (FIGURA 2) em: <http://atuleirus.weblog.com.pt/arquivo/2006/01/a_cigarra_e_a_f.html>

Lembrei-me, então, do dia em que relatei um sonho⁹ em reunião de orientação de pesquisa e do comentário feito por minha orientadora. Ela deu destaque à parte do sonho em que meu movimento de subir uma escada foi interrompido, sugerindo que eu pensasse sobre aquela interrupção. Porém, suas palavras não encontraram espaço para reverberarem e isso foi acolhido por ela, deixando que o assunto fosse deslocado para outro espaço, o da maturação.

Nesse sonho, eu caminhava pela escola que frequentara na infância e na adolescência, encontrando-me com coordenadoras pedagógicas com as quais eu havia trabalhado como professora da educação básica não naquela que estudei, mas em outra escola. Na última imagem do sonho meu movimento de subir uma escada é então interrompido por um professor, muito querido, da última instituição de ensino que trabalhei antes de ingressar no doutorado. Ele me pergunta se aquela escola havia me ajudado a construir meus valores morais, éticos e sociais e respondo ter sido minha família a maior responsável pela constituição desses valores.

Na época não associei possíveis símbolos desse sonho – como, por exemplo, a escada ou a interrupção do meu movimento de subir seus degraus – com o modo como eu estava me relacionando com a pesquisa. Associei o sonho à preferência dos participantes das duas primeiras práticas de formação em rememorar acontecimentos vividos fora da escola. Uma associação que vinha confirmar o que eu já sabia, uma vez que havia registrado esse dado em meu caderno de campo e modificado algumas atividades, em decorrência dessa preferência, bem antes do sonho acontecer. Talvez essa fosse a única associação possível para aquele momento, ligada ao que o meu consciente já registrara: o fato dos licenciandos terem se mostrado mais interessados por suas memórias de vida, em detrimento das escolares.

O sonho e a reunião de orientação precederam o meu convívio com as imagens da formiga e da cigarra. Aconteceram em um momento em que compreensões e associações, acerca do modo como eu me relacionava com a pesquisa, estabeleciam-se por uma via diversa ao pensamento consciente. Entretanto, a falta desta associação consciente não representou um empecilho para que o sonho também influenciasse meu processo intelectual, já que

⁹ Utilizei dois cadernos como material documental da pesquisa, um de campo e outro de sonhos. Em ambos registrei o que a memória foi capaz de reter, após cada encontro com os grupos ou após cada noite em que convivi com sonhos que, de alguma forma associei a esse tempo do doutorado.

o sonho é uma reflexão, um comentário, uma tentativa de compreensão produzida todas as noites. Nossa vida portanto transcorre acompanhada por duas categorias de pensamento, um consciente e outro não, sobre aquilo que fazemos ou não, sobre o que está acontecendo conosco. Se integramos ou não esse segundo tipo de pensamento chamado sonho, se o interpretamos ou não é outra questão; mas é fato que esse fenômeno mental ocorre para todo mundo, todas as noites, toda vez que o cérebro entra numa certa faixa de funcionamento, como a pesquisa contemporânea sobre sono e sonho tem demonstrado (GAMBINI, 2008, p. 76).

Passados aproximadamente cinco meses do sonho, no final da disciplina *Arte, Psicologia e Conhecimento*, apresentei um seminário relacionando minha pesquisa às vivências e estudos realizados durante o semestre. relatei o meu sonho e o processo simbólico/reflexivo desencadeado pelas imagens da cigarra azul e da formiga que caminha por uma corda bamba. Busquei, por meio daquele relato, refletir sobre as ideias e possibilidades suscitadas pela minha relação com a pesquisa: sobre como estava vivendo-a e construindo-a junto às leituras realizadas como atividade inerente ao processo de doutoramento, mas também junto aos meus processos e recursos internos. Com o seminário comecei a reconstruir e a ressignificar as experiências com o sonho e com as imagens. Depois pude ampliá-las por meio da escrita de outros textos e do projeto de qualificação.

Na ocasião da escrita do projeto de qualificação encontrava-me mais próxima da forma como a Psicologia Analítica de Carl G. Jung estabelece o conceito e a ação de símbolos por nós experienciados “nas imagens oníricas, em fantasias, em metáforas poéticas, em contos de fadas, na arte” (KAST, 1997, p. 20). Essa aproximação possibilitou-me perceber indícios que me levaram a supor que o sonho, as imagens e a metáfora da pedra bruta complementavam-se simbolicamente. Ou, ainda, haviam sido portadores de uma mesma simbologia, por meio da qual um canal foi aberto, possibilitando que aspectos inconscientes apresentassem-se à consciência: conduzindo-me a desvendar a minha maneira de ser e de pesquisar, mostrando-me outras possibilidades para a pesquisa e para a vida.

No texto *Os caminhos de construção de uma pesquisa simbólica*, Furlanetto (2008) descreve as etapas da pesquisa acadêmica associando-as à emersão de símbolos:

Para alguns pesquisadores, os símbolos auxiliam na definição do tema da pesquisa. Para outros, no entanto, acompanham o pesquisador e inspiram o traçado metodológico do estudo. Eles cumprem o papel de eixos aglutinadores que possibilitam descortinar e explicitar o caminho a ser seguido. Muitas vezes, observamos pesquisadores aparentemente perdidos sem saber o rumo a tomar e, ao estarem atentos à emergências simbólicas, descobrem como delinear os procedimentos metodológicos (p. 99-100).

Identifico-me com o caminho descrito pela autora, pois viver e refletir sobre meus exercícios memorialísticos – repletos de metáforas e símbolos – conduziram-me a reorganizações conceituais e propositivas, permitindo-me investigar as potencialidades formativas das narrativas poéticas autobiográficas de uma forma mais pontual e a partir de um quadro teórico-referencial ampliado: unindo conceitos oriundos da Psicologia Analítica aos aportes teórico-metodológicos da Abordagem (Auto)Biográfica.

Essas reorganizações conceituais estiveram enraizadas em pontos de confluência entre a linguagem estética e preceitos da Psicologia Analítica, pois, assim como a linguagem onírica, a linguagem estética “consente a representação da experiência vivida em forma de metáfora, símbolo, gesto pré-verbal” (FORMENTI, 2008, p. 63), favorecendo o processo de produção e convivência com símbolos.

Havia, anteriormente a essas reorganizações conceituais, proposto, como objetivos de investigação, identificar e refletir sobre como os elementos das linguagens artísticas podem vir a imprimir singularidades ao ato autobiográfico. Entretanto, junto às reorganizações realizadas, identifiquei o processo de produção e convivência com símbolos como uma singularidade impressa pelos elementos das linguagens artísticas ao ato autobiográfico. Essa identificação gerou a redefinição do objetivo da pesquisa, levando-me a buscar por indícios da atuação desse processo junto ao trabalho de formação desenvolvido com os licenciandos, assim como, a refletir sobre suas possíveis implicações na formação de educadores.

DO MEIO AO FIM DO CAMINHO

Redefinido o objetivo, faltava ainda a definição do *corpus* de análise da pesquisa. Com um medo terrível de errar e com muita dor por não poder acolher tudo o que havia vivenciado com os três grupos, procurei deixar que o processo vivido até aquele momento guiasse minha ação, apontasse perspectivas, conduzisse a escolha... e esta se deu pelo grupo formado por dezenove licenciandas em Pedagogia.

Poderia enumerar muitos motivos para esta escolha, como o fato do teatro ter sido a linguagem predominante na prática desenvolvida com esse grupo, de ser pedagoga e ter me sentido mais inteira ao trabalhar com pedagogas em formação, de estar sozinha na condução do trabalho constituindo-me como a única referência docente do grupo. Entretanto, não sabia (e ainda não sei) se estes motivos foram fatores determinantes, afinal com os outros dois

grupos o processo foi igualmente gratificante, trazendo questões fundamentais e de grande potencial investigativo. Enfim, não foi realmente fácil fazer esta escolha e ela não foi a minha primeira e única opção, experimentei outras possibilidades, produzindo artigos¹⁰ sobre algumas das experiências com os licenciandos dos outros dois grupos e sobre o que aprendi com as práticas de formação com eles desenvolvidas. Mas apesar da dificuldade, a escolha desobstruiu o caminho da pesquisa, reorganizando as trilhas que naquele momento encontravam-se totalmente intransitáveis devido às inúmeras possibilidades de investigação advindas do trabalho com os três grupos. E isso foi muito bom!

Segui o trabalho de análise e reflexão centrando-me na prática de formação com as licenciandas em Pedagogia, reencontrando-me e narrando o trabalho desenvolvido durante todo o semestre letivo. Nessa narrativa priorizei as questões referentes à aproximação das alunas com os elementos da linguagem teatral e com os processos de rememoração e criação poética autobiográfica, detalhando algumas atividades e explicitando a escolha dos materiais de análise da pesquisa. Para tanto, utilizei as gravações em áudio e vídeo e os registros fotográficos produzidos durante as aulas; anotações do meu caderno de campo e relatos reflexivos das alunas sobre a prática de formação. Esses relatos, socializados e entregues durante uma conversa em nosso último encontro, revelaram-se como um importante procedimento, tanto para a reflexão das alunas, como para a pesquisa.

Na primeira aula pedi que elaborassem os relatos reflexivos durante o semestre e que suas reflexões não se restringissem às palavras, mas que fossem formadas também por imagens, desenhos, poesias, cores, formas. Mostrei-lhes um caderno que havia produzido certa vez em um curso cuja proposta era justamente essa, registrar e refletir sobre o vivido de diferentes maneiras, atendo-se aos fatos e às sensações, sentimentos, escolhas, anseios...

Fiz a proposta acreditando que esta seria mais uma possibilidade das alunas expressarem-se por meio dos elementos das linguagens artísticas. Consciente, no entanto, de que o curso de Pedagogia não privilegiava a experimentação artística, disse-lhes que essa proposta não seria avaliada quanto a sua elaboração estética. O resultado foi muito significativo, as palavras – em meio a desenhos, colagens, poemas, linhas e formas variadas – vieram soltas, embaladas por um ritmo próprio e pessoal, unindo conteúdo e forma e, assim, expressando os sentidos construídos sobre o processo de formação em parceria com o fazer poético.

¹⁰ (CINTRA; ALBANO, 2010a), (CINTRA; ALBANO, 2010b), (CINTRA; ALBANO, 2010c).

Incorporei partes desses relatos reflexivos ao texto da tese. Entretecidas às minhas palavras, estão as palavras e imagens das alunas junto as quais descrevo e reflito sobre os nossos treze encontros. Como muitos dos relatos refletem sobre as atividades vivenciadas e sobre o modo como suas autoras se sentiram ao realizá-las, pude contar a história dessa prática de formação também em parceria, unindo minha forma de narrar a experiência vivida à forma como as próprias alunas a narraram. Compartilho, aqui, páginas do caderno de reflexões de três alunas:

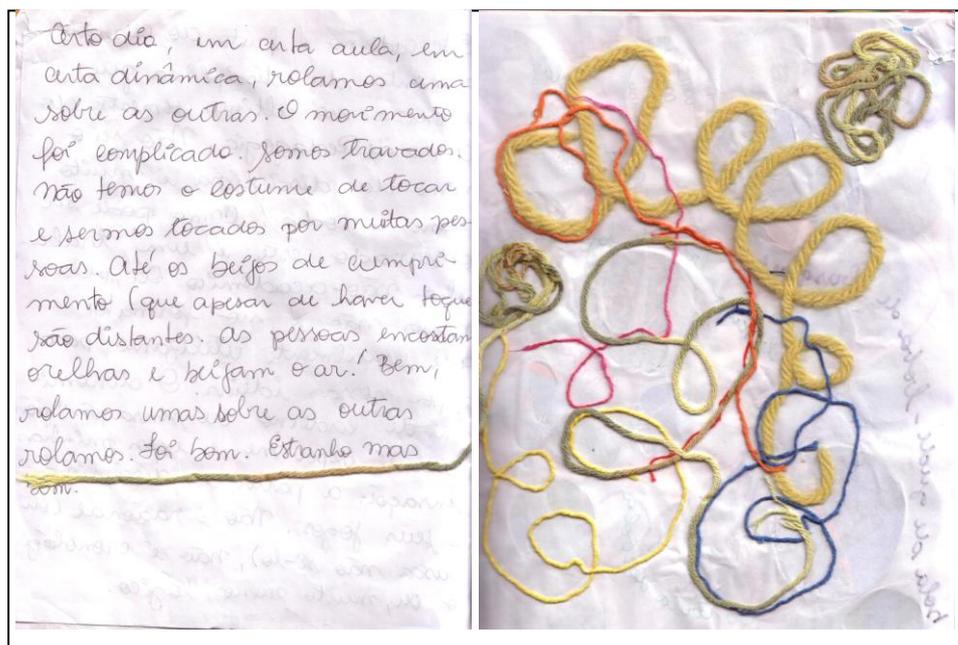


FIGURA 1 – Caderno de relatos reflexivos: aluna¹¹

¹¹ Entregue em 13/11/2007.



FIGURA 2 – Caderno de relatos reflexivos: aluna 2¹²

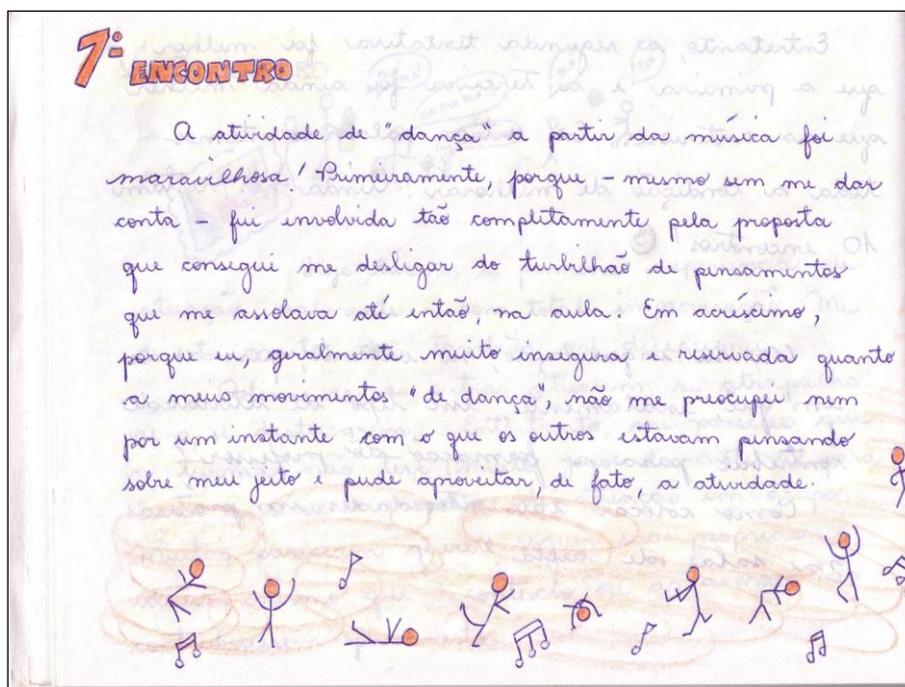


FIGURA 3 – Caderno de relatos reflexivos: aluna 3¹³

¹² Entregue em 13/11/2007.

¹³ Entregue em 13/11/2007.

Os relatos reflexivos das alunas foram também imprescindíveis à consecução dos objetivos da investigação. Utilizei partes dessas reflexões para identificar indícios da atuação do processo de produção e convivência com símbolos na análise de duas propostas de criação autobiográfica e de duas das narrativas – uma visual e a outra cênica – criadas a partir destas propostas. Utilizei, ainda, com o mesmo propósito, trechos das conversas que fazíamos ao final de cada encontro. Nessas conversas, alunas expunham suas descobertas, descompasso, percepções acerca das possibilidades expressivas dos elementos da linguagem teatral e da criação das narrativas.

Buscando unir esses materiais aos aportes teóricos da pesquisa, passei a refletir sobre as propostas de criação autobiográfica e sobre as duas narrativas baseando-me no modo como a Psicologia Analítica concebe a psique, suas instâncias, a dinâmica relação que as constituem e a ação do símbolo junto ao processo de ampliação da consciência. Depois, aproximando aportes da Abordagem (Auto)Biográfica e da Psicologia Analítica, procurei estabelecer relações entre o exercício poético autobiográfico e a formação de educadores. Sintetizo a seguir as reflexões realizadas.

Atuação do processo de produção e convivência com símbolos

Na época em que desenvolvi a prática de formação com as licenciandas em Pedagogia eu ainda não havia identificado o processo de produção e convivência com símbolos como uma especificidade das narrativas poéticas autobiográficas. Nem, tão pouco, estava atenta às implicações que a convivência com os símbolos poderia trazer ao trabalho de formação vivido com aquele grupo. Entretanto, os processos simbólicos se deram e por meio das ações investigativas foram associados aos elementos das linguagens artísticas, apresentando-se como uma possibilidade formativa do exercício poético autobiográfico.

As análises do processo de criação, apresentação e discussão das narrativas visual e cênica mostraram indícios do percurso dos símbolos constelados e suas possíveis atuações junto a vivências de (auto)conhecimento das alunas, favorecendo que conteúdos inconscientes – relativos às histórias e situações memoradas ou aos pensamentos e emoções por elas evocados – fossem, em alguma medida, percebidos e incorporados. Dessa forma, as narrativas poéticas autobiográficas agiram, no contexto do trabalho de formação, como uma “das maneiras que dispomos para 'brincar' com as imagens do inconsciente” (AZEVEDO, 2009, p. 59).

Por meio do processo simbólico – favorecido pelo exercício poético autobiográfico – potencializou-se a “imersão num outro tempo que não o da lógica consciente” (PALOMO, 2006, p. 64), ampliando as possibilidades de acesso das licenciandas a materiais que se encontram abaixo do limiar da consciência (JUNG, 2002, p. 23). O que era então desconhecido pode tornar-se conhecido, suscitando o movimento de ampliação e transformação da consciência, e, conseqüentemente, produzindo novas formas do ego estabelecer relações com o conhecimento e com a vida.

Identifiquei a possibilidade da consciência ampliar-se e transformar-se no contato com o símbolo, como um importante elo de ligação entre o exercício poético autobiográfico e as práticas autorreflexivas e de autoconhecimento. E, a partir desta identificação, passei a refletir sobre essa possibilidade, procurando apontar suas implicações na formação de educadores.

Narrativas poéticas autobiográficas e formação de educadores

O ato de narrar-se, em atividades formativas, constitui-se como uma possibilidade de conhecimento de si, do outro, do cotidiano... (SOUZA, 2006b, p. 168) e se configura como um “exercício de tomada de consciência, por parte do sujeito, das itinerâncias e aprendizagens ao longo da vida” (*idem*, p.14). Ao unirmos, por meio de vivências simbólicas, a dimensão autorreflexiva deste ato à possibilidade de integrarmos ao consciente conteúdos do inconsciente, podemos favorecer a tomada de consciência do que ainda não conhecemos, mas que traz implicações à forma como construímos conhecimento, atribuímos valores, vivenciamos e tecemos relações com as pessoas e os acontecimentos da nossa vida. Porém, embora consciente e inconsciente encontrem-se destinados ao vínculo e a conseqüentes inter-relações, isso não acontece de forma tranquila e corriqueira. Todo esse processo necessita de ajuda e de quebra de resistências, pois

como há um século descobriram Freud e Jung, o inconsciente *quer* tornar-se consciente. (...) Mas a consciência é por natureza arrogante e auto suficiente, ela se acha dona e controladora de tudo, rejeitando qualquer tipo de interferência proveniente de outras esferas da psique que ela encara como irracionais, caóticas ou simplesmente patológicas. Ora, essa outra dimensão da mente que com ela quer interagir não é nenhum espírito, nenhuma entidade metafísica, mas uma parte nossa, que chamamos de desconhecido ou de inconsciente, e que, por querer participar do jogo da percepção e do conhecimento, faz das suas todas as noites, maquinando sonhos; ou durante a vigília, tecendo sincronicidades, provocando inspirações, fantasias, atos inesperados. Há sempre um Outro querendo fazer parte daquilo que somos (GAMBINI, 2010, p. 153).

A ajuda, portanto, vem do próprio inconsciente quando este “faz das suas” (*idem*), produzindo símbolos durante o sono ou durante a vigília. Já a quebra de resistência compete a realizações mais concretas que possam agir junto à consciência, como, por exemplo, a vivência de práticas educativas em que o inconsciente encontre espaço, reconhecimento e condições para se manifestar e participar do processo de conhecimento e de autoconhecimento – que, para a Psicologia Analítica, são indissociáveis (PENNA, 2007, p. 128).

Trazer aos educadores a possibilidade de conviver com os símbolos, constelados a partir de suas histórias de vida e de formação, configura-se como uma prática capaz de acolher e de potencializar o movimento de aproximação entre consciente e inconsciente. O exercício poético autobiográfico pode vir a proporcionar momentos mais silenciosos para o ego, “diminuindo sua velocidade e dando condições para o surgimento de intervalos de tempo entre um pensamento e outro” (GAMBINI, 2008, p. 213). Ao vivenciar esses momentos – em que o ego encontra-se menos falante e temporariamente desprendido da hegemonia do pensamento – o educador passa a ter mais condições para reconhecer o empenho do inconsciente em se fazer presente. Passa, também, a ter mais condições para acolher e elaborar a presença dos conteúdos originários do inconsciente na ordenação do vivido e do que pode ser reinventado a partir do vivido, favorecendo, assim, a vivência de outras formas de (re)construir suas ações diante da vida e da docência.

MAIS ENSINAMENTOS DO FAZER METODOLÓGICO

Ao narrar, analisar e refletir sobre as experiências de (auto)investigação vividas pelas alunas e sobre as quais também vivi, durante o processo de doutoramento, fui desvelando o caminho percorrido, tecendo relações, (re)construindo os passos de cada etapa, desde a origem da pesquisa até a sua finalização. E, assim, pude melhor perceber suas tantas trilhas, tropeços e encontros.

“Como só se leva o outro até onde você mesmo já chegou” (ALBANO, 2010, p.52), viver a força e o valor das narrativas autobiográficas, narrando-me por meio de metáforas e símbolos, ampliaram minhas possibilidades de levar outros ao lugar onde cheguei. Lugar no qual pude apreender o que tenho (des)construído ao longo da minha vida, elevando essa construção/desconstrução ao *status* de experiência formativa (SOUZA, 2006c, p.136).

O poeta Antonio Machado tornou célebre a ideia de que “o caminho se faz ao caminhar”. Diz seus versos:

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar¹⁴

Entretanto, junto a essa imagem poética e à realização da minha pesquisa de doutorado, passei a compreender que a consciência do caminho percorrido o constitui enquanto experiência adquirida. Atenta aos muitos caminhos percorridos com e pela pesquisa, narrei suas histórias, melhor dizendo, narrei as partes tornadas conscientes pelo próprio ato de narrar, uma vez que a palavra “obriga a consciência a formular o vivido e assim integrar elementos até então inconscientes” (FREITAS, 1990, p. 90). Com a escrita dei nome aos acontecimentos, nomeando-os aproximei-os da consciência, num movimento incessante de autoinvestigar-me, autoconhecer-me e reinventar-me, redimensionando, assim, a minha própria capacidade de refletir sobre esse (auto)conhecimento e, a partir dele, também (re)organizar minhas ações diante da vida e da docência.

REFERÊNCIAS

ALBANO, A. A. Pensando as artes visuais na educação. In: GONÇALVES, T. F. ; DIAS, A. R. (Org.). **Entre linhas, formas e cores: arte na escola**, Campinas: Papyrus, 2010. p. 49-63.

AZEVEDO, L. M. Diálogo com o Inconsciente: a imagem, recursos expressivos, sandplay. In: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (Org.). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2009. p. 50-64.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p.11-30, jan./jun., 2002.

CINTRA, S. C. S.; ALBANO, A. A. Docência e Criação: diálogos entre fazeres. In: GONÇALVES, T. F.; DIAS, A. R. (Org.). **Entre linhas, formas e cores: arte na escola**, Campinas: Papyrus, 2010c.

CINTRA, S. C. S.; ALBANO, A. A. Fazer expressivo e fazer docente: experiências de formação do professor de arte. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO VISUAL, 22., Óbidos, Portugal, 2010. **Actas...** [s.l.]: [s.n.], 2010b.

¹⁴Disponível em: <<http://www.poemas-del-alma.com/antonio-machado-caminante-no-hay-camino.htm>>. Acesso em: 11 set. 2009.

CINTRA, S. C. S.; ALBANO, A. A. Histórias de vida e de formação: refletindo sobre a construção da prática artística e pedagógica do professor de arte. In: PARDIÑAS, M. J. A.; MARTÍNEZ, C. T.; PIMENTEL, L. G.; EÇA, T. Torres Pereira de (Orgs). **Desafios da educação artística em contextos ibero americanos**. Porto: APECV (Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, 2010a. Disponível em: <http://www.apecv.pt/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=28&Itemid=65>. Acesso em: 11 set. 2009.

DEMARTINI, Z. B. F. Das histórias de vida às histórias de formação. In: SOUZA, E.; MIGNOT, A. C. V. (Org.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro, RJ: Quartet: FAPERJ, 2008. p. 39-63.

FORMENTI, L. Escrita autobiográfica e zelo: um olhar composicional. In: PASSEGGI, M. C. (Org). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN; São Paulo, SP: Paulus, 2008. p. 51-71.

FREITAS, L. V. O Arquétipo do Mestre-Aprendiz: considerações sobre a vivência. **Revista Junguiana**, 8, p. 77-92, 1990.

_____. Panorama dos Conceitos Junguianos. In: ALBERTINI, P.; FREITAS, L.V. (Org). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2009. p.16-31.

FURLANETTO, E. C. Os caminhos de construção de uma pesquisa simbólica. In: PASSEGGI, M. C. SOUZA, E. C. (Org). **Memórias, Memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 90-111.

GAMBINI, Roberto. **A voz e o tempo: reflexões para jovens terapeutas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. 221p.

_____. Com a cabeça nas nuvens. **Pro-Posições**, Campinas, v.21, n.2(62), p. 149-158, maio/ago., 2010.

JUNG, C. G. Chegando ao Inconsciente. In: _____. (Org). **O homem e os seus símbolos**. 22. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2002. p.18-103.

KAST, V. **A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana**. São Paulo, SP: Loyola, 1997, 223p.

LISPECTOR, C. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rocco, 1998.

OSTETTO, L. E. **Educadores na roda da dança: formação – transformação**. Campinas, 2006. 250f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

OSTROWER, F. A criatividade na educação. In: PEREIRA, M. L. (Org). **A Arte como processo**. Rio de Janeiro, RJ: Funarte, 1980. p. 36-40.

PALOMO, V. Psicoterapia: um ritual de reinvenção de si. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 61-75.

PENNA, E. M. D. Pesquisa em Psicologia Analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 57, n. 127, p. 127-138, 2007.

PESAVENTO, S. J. Memória, história e cidade: lugares no tempo, momentos no espaço. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 23-35, jun. 2002.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Educação em Questão**, Natal/RN, v.25, n.11, p. 22-39, jan/abr.2006a.

_____. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006b. 184p.

_____. Pesquisa Narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006c. p. 135-147.

Agradecimento

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo apoio recebido, em forma de bolsa, para a realização da pesquisa de doutorado tratada neste texto.

Recebido em: 10/12/2010
Publicado em: 22/06/2011